

DOI: 10.70513/saberes-praticas-educacao-infantil.07

A rotina e a organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil

*Renata da Costa Lima
Rayssa Maria Anselmo de Brito*

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como
sou - eu não aceito.
Não agüento ser apenas um
sujeito que abre
portas, que puxa válvulas,
que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora,
que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.

(Manoel de Barros)

Considerações iniciais

No poema que convida a leitura deste capítulo, Manoel de Barros, utilizando de suas sutilezas e olhando para as coisas simples da vida, nos leva a pensar sobre como a rotina pode assumir uma perspectiva negativa - “Não aguento ser apenas um sujeito que

abre portas [...], que compra pão às 6 horas da tarde” -, ao mesmo tempo em que apresenta uma possibilidade de renovação - “Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas”.

Nas palavras do poeta, a rotina pode se apresentar como amarras rígidas ou como possibilidade de experienciar novos modos de ser e estar no mundo. A partir dessa perspectiva, o tema da rotina e da organização do trabalho pedagógico da Educação Infantil será refletida neste texto.

Com o entendimento de que as interações e a brincadeira são os eixos estruturantes da Educação Infantil, que o cuidar e o educar são dimensões indissociáveis do trabalho pedagógico (BRASIL, 2010, 2017), que essa etapa deve se organizar de modo a fortalecer o protagonismo e o desenvolvimento integral dos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas por meio de princípios éticos, estéticos e políticos, objetivamos refletir sobre como a rotina e a organização do trabalho pedagógico podem contribuir e fortalecer esses preceitos elucidados.

Para tanto, partimos dos seguintes questionamentos: o que é rotina? Qual é o papel da rotina na organização das práticas pedagógicas na Educação Infantil? De que modo os tempos e espaços são melhor organizados quando repensamos a rotina na EI?

Para responder às indagações feitas e atender ao objetivo proposto, organizamos este capítulo em três seções. Na primeira seção refletimos sobre a rotina a partir dos documentos que orientam as práticas na Educação Infantil e a rotina e sua relação com o conceito de cotidiano. No segundo momento, discutimos sobre a organização do trabalho pedagógico nessa etapa, de modo a refletir sobre a estruturação dos tempos e espaços nessa etapa da Educação Básica. E, por último, rememoramos e ponderamos sobre a rotina na EI a partir da experiência da formação continuada com professoras da rede municipal de ensino de João Pessoa - PB.

A rotina na Educação Infantil

Decerto um marco nas pesquisas sobre o tema da rotina na Educação Infantil no Brasil foi a tese intitulada “Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil” defendida pela professora Maria Carmem Silveira Barbosa nos anos 2000. Em seu texto, a autora anunciou a opção de pesquisar o nascimento e a consolidação de uma categoria pedagógica complexa que ainda não apresentava tradição de estudos no país, nem limites claros e definidos (BARBOSA, 2006).

Neste contexto, é preciso lembrar que apenas 04 anos antes a esse período a Educação Infantil passa a ser considerada, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)

de nº 9.394/96, como parte integrante da Educação Básica. Isso revela, além de outras coisas, que o campo da Educação Infantil enquanto etapa é recente em termos históricos e que, por isso, muitos temas se tornaram objeto de estudos, inclusive o da rotina, após 1996.

Ainda no final da década de 1990, um outro marco importante foi a publicação, em 1998, do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). O RCNEI, embora sem caráter normativo, reuniu em 03 volumes um conjunto de orientações para as práticas pedagógicas nessa etapa. É nesse documento, mais precisamente no volume 1, que encontramos a rotina como um elemento estruturante da organização das práticas:

A rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagens orientadas (Brasil, 1998, p. 54).

Ao mesmo tempo em que o RCNEI já apontava qual a importância da rotina nas instituições de Educação Infantil, uma vez que se constitui como facilitadora das aprendizagens das crianças, já mencionava que ela poderia se estabelecer como cerceadora do desenvolvimento caso servisse como estrutura rígida e inflexível, que coloca a criança no lugar de adaptação à rotina – e não o contrário –, e que desconsidera também o professor, tornando seu trabalho monótono, repetitivo e pouco participativo (BRASIL, 1998).

Já nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), documento de caráter mandatório, a rotina é mencionada quando se faz referência à proposta pedagógica, orientando a necessidade de se flexibilizar o calendário, rotinas e atividades (BRASIL, 2010).

Neste cenário, percebe-se que a rotina na Educação Infantil desempenha uma função de orientação e organização do tempo e do espaço, ou seja, do trabalho pedagógico desenvolvido com e para as crianças, contrapondo-se à lógica de padronização ou engessamento.

No dizer de Silva (2021), a rotina não é como uma amarra, mas um apoio construtivo ao grupo e um modo de estruturar as atividades diárias. Nessa direção, é importante considerar na organização da rotina, o contexto sociocultural em que a instituição está inserida, o projeto pedagógico da escola e as crianças atendidas (BARBOSA; HORN, 2001). Por esse motivo, as rotinas precisam ser pensadas e organizadas em cada instituição, levando em consideração às especificidades dos grupos atendidos - bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas.

Uma questão que merece destaque na discussão sobre o conceito de rotina refere-se à sua relação com o conceito de cotidiano. Barbosa (2006) chama a atenção para o recorrente trato desses dois conceitos como sinônimos. Todavia, a autora destaca

que o cotidiano se refere aos acontecimentos diários que envolvem a vida das pessoas, podendo ser rotineiros mas também inéditos e inusitados. Já a rotina refere-se a um dos elementos que integra o cotidiano. Elas são como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia a dia, com a intenção de organização da cotidianidade (Barbosa, 2006). A seguir, refletimos sobre como a rotina se coloca como elemento estruturante da organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil.

A rotina como elemento estruturante da organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil

Na Educação Infantil a organização do trabalho pedagógico perpassa pela construção da própria rotina. Nessa etapa, os espaços da sala, assim como os tempos de cada vivência, demarcam a sucessão de experiências que a criança irá vivenciar no decorrer de seu tempo na instituição. Neste tópico refletimos sobre a rotina e a organização dos tempos e espaços, ou seja, como se explicita a intencionalidade educativa ao longo da organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil.

Para Barbosa (*apud* Carvalho, 2015, p. 135), o tempo é “uma variável que imprime movimento, ritmo e energia para que as crianças e professores possam viver a experiência da vida coletiva”.

Para além de perceber o tempo como algo a ser gasto ou controlado, Carvalho (2015) nos chama a atenção para a necessidade de respeitarmos os tempos das crianças, de modo a realizarmos escolhas educativas que potencializam a participação das crianças e que recriem as práticas pedagógicas diariamente.

Sobre a organização dos tempos na EI, Barbosa e Horn (2001, p. 67) afirmam que:

Organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de **uma sequência básica de atividades diárias** é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. **É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados.** Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte. (Barbosa; Horn, 2001, p. 67, grifos nossos).

Logo, a partir das autoras citadas, vemos que a estruturação da rotina é perpassada

pela observação atenta das crianças, sobre o perfil da turma e sobre seus interesses e preferências, até chegar na proposição de uma sequência de atividades diárias.

Para Barbosa (2000, p. 94),

As denominações dadas às rotinas são diversas: o horário, o emprego do tempo, a sequência de ações, o trabalho dos adultos e das crianças, o plano diário, a rotina diária, a jornada e outros. Poderíamos afirmar que elas sintetizam o projeto pedagógico das instituições e apresentam a proposta de ação educativa dos profissionais.

Destacamos na compreensão da autora a direta relação estabelecida entre a rotina e o projeto pedagógico institucional, aspecto este que se reflete de igual forma na organização dos tempos de cada atividade e nos espaços em que elas acontecem. Para Barbosa e Horn (2001, p. 73), “é importante diversificar o lugar das atividades, organizando passeios, entrevistas, contato com diferentes elementos culturais, possibilitando que estes momentos sejam prazerosos e desafiadores”, o que evidencia a possibilidade do enriquecimento curricular de uma rotina que se constrói intencional e qualitativamente planejada.

No que tange à organização dos espaços, salientamos a necessidade de se promover ambientes estimulantes e acolhedores, com ricas possibilidades de estímulos sensoriais, motores e de construção e aquisição de novos conhecimentos, sendo também “recomendável, igualmente, que se construa e reconstrua espaços, com o auxílio das crianças, ao longo do ano” (Barbosa; Horn, 2001, p.73).

Ainda no tocante a organização dos espaços, as autoras destacam que

Ao pensar o espaço para as crianças devemos levar em consideração que o ambiente é composto por **gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida**. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos. (Barbosa, Horn, 2001, p. 73).

Nesta perspectiva as autoras sistematizam e categorizam os espaços em internos e externos. Podendo os espaços externos serem utilizados como: espaços de interligação para jogos tranquilos, espaço para brinquedos de manipulação e construção, espaço estruturado para jogos de movimento, espaço para jogos imitativos, espaço não estruturado para jogos de aventuras e imaginação etc. Em relação aos espaços internos, especificamente as salas de referência, as salas, “é fundamental partirmos do entendimento de que este espaço não pode ser visto como um pano de fundo e sim como parte integrante da ação pedagógica” (BARBOSA; HORN, 2001, p. 76), de modo que por meio do uso destes espaços internos,

visamos: a promoção da identidade pessoal das crianças; a promoção do desenvolvimento da competência (saber-fazer com autonomia), promover a construção de diferentes aprendizagens e a promoção de oportunidades para o contato social e a privacidade (BARBOSA, HORN, 2001).

Por fim, ao olhar para os processos de construção das rotinas na Educação Infantil e refletir sobre essa relação espaço-tempo intencionalmente e pedagogicamente planejada, salientamos que “qualificar as creches e pré-escolas e incluir as crianças pequenas como cidadãos no espaço social requer que se criem novos sentidos para as relações adulto-criança, famílias-educadores, pais-filhos” (BARBOSA; HORN, 2001, p. 78).

Reflexões e experiências com as professoras de bebês e das crianças bem pequenas

Para fundamentar e aprofundar o conhecimento sobre a temática da rotina e a organização do trabalho pedagógico, durante o planejamento das experiências para o encontro formativo com as professoras da creche, foram selecionados alguns conceitos e/ou subtemas essenciais a este debate: o cuidar e o educar na EI, o cotidiano e a rotina (características e diferenças), a rotina e o desenvolvimento do trabalho pedagógico na EI, a organização do ambiente, o uso do tempo, a seleção e as propostas de atividades, a seleção e a oferta de materiais e o tempo na unidade de Educação Infantil/tempo da criança (rotinização da infância). É importante dizer que esses elementos foram refletidos tendo como base o texto de Barbosa (2010) intitulado “Especificidades da ação pedagógica com os bebês”, as DCNEI (2010), a BNCC (2018) e as Diretrizes pedagógicas para a Educação Infantil no município de João Pessoa (2022).

Coerente com a temática discutida, para iniciar o encontro, apresentamos em slide para as professoras uma síntese da rotina daquele dia, contendo os seguintes momentos: 1-Retrospectiva, 2-Momento deleite; 3-Desenvolvimento do tema do encontro; 4-Nossas aprendizagens; 5-Encaminhamentos. A partir disso, seguindo a rotina apresentada, faremos um relato de como se desenvolveu cada um dos momentos acima listados.

Todos os encontros de formação com as professoras da creche eram iniciados com uma retrospectiva do encontro anterior. A intenção desse momento era rememorar questões, temas e conceitos estudados no mês antecedente. Para tanto, organizamos a sala em círculo e convidamos as docentes para brincarem de “batata quente”. Essa brincadeira consiste em deixar uma música tocando enquanto um objeto é passado de mão em mão. Na ocasião, quando a música parava, a professora que estivesse com o objeto teria que resgatar algo experienciado no encontro passado.

Após a retrospectiva, passamos ao momento deleite, que consistiu na exibição do curta metragem “*Alike*”¹. Nessa animação, composta de trilha sonora e imagem de vídeo sem diálogo entre os personagens, a trama se desenrola com o dia a dia de um pai no trabalho e o seu filho na escola submersos em uma rotina, revelada pelos efeitos visuais e sonoros do curta, como visivelmente adoecedora.

Após a exibição do curta, dividimos as professoras em 04 (quatro) grupos e lhes entregamos alguns textos do gênero tirinha que tratavam da temática da rotina, a fim de que debatessem a partir da seguinte questão: “Quais reflexões podem ser feitas sobre a rotina a partir do vídeo e da tirinha?”. Após esse momento, voltamos ao grande grupo e as professoras socializaram suas reflexões, construindo, desse modo, um debate coletivo.

É importante ressaltar que até este momento nós não havíamos feito menção conceitual sobre o tema deste encontro, visto que a intenção foi a de entender como as professoras compreendiam o tema da rotina com base em seus conhecimentos prévios para, em seguida, trazer as considerações teóricas a partir dos textos e documentos norteadores da Educação Infantil.

Falas como “a rotina pode adoecer” ou “a rotina requer uma reflexão para não ser engessada” foram algumas citadas pelas professoras durante o debate. Isso nos remete ao que Barbosa (2010) adverte sobre a rotina se tornar um meio de padronização do tempo e das crianças, em vez de ser uma trama que dá sustentação às práticas e percebe os indivíduos em suas singularidades.

Dando continuidade ao encontro, iniciamos à exposição dialogada, utilizando como recurso os slides construídos pelas formadoras da etapa da creche. Foi neste momento em que resgatamos as especificidades da Educação Infantil a partir do que afirmam os documentos supracitados, bem como refletimos sobre o que é (e não é) rotina, sua importância na organização do trabalho pedagógico e do currículo, aproximações e diferenciações do conceito de cotidiano.

É importante dizer que é nesse momento de exposição dialogada em que há um aprofundamento sobre o tema estudado, visto que as professoras cursistas questionam e expõem suas experiências e realidades.

Por fim, assim como em todos os encontros, fizemos uma síntese das aprendizagens do dia. Corroborando com o tema da formação, propomos que fossem destacados aspectos positivos e negativos de cada momento vivenciado na nossa rotina formativa.

1 Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=HYABT4EkXWI> >. Acesso em 26 jul. 2025.

Reflexões e experiências com as professoras das crianças pequenas

Com as professoras pequenas tivemos como fio condutor “o cotidiano e a rotina, características e diferenças”, relacionando as dimensões do cuidar, brincar e educar na EI, considerando a rotina e o desenvolvimento do trabalho pedagógico, a partir de elementos como: a organização do ambiente; o uso do tempo; a seleção e as propostas de atividades; a seleção e a oferta de materiais. E, por fim, diferenciando o tempo da unidade de Educação Infantil do tempo da criança (rotinização da infância).

Dessa forma iniciamos retomando os momentos das rotinas na sala de referência da Rede Municipal de ensino de João Pessoa/PB. Cada professora, foi representando por meio de desenho os momentos vivenciados por elas e suas crianças, seguida de uma explicação verbal sobre o que representaria aquele momento.

Assim, partilhamos o poema **Sou feita de retalhos** de Cris Pizziment, uma vez que todos os desenhos feitos em retalhos de tecido de algodão iriam compor uma colcha de retalhos coletiva de cada turma.

Rememoramos também o brincar das infâncias, vivenciadas por cada professora, refletindo sobre a infância como um conceito histórico e social que é experienciado pelos indivíduos a depender do contexto histórico e social no qual os sujeitos encontram-se inseridos. Encontrar elementos em comum ou descobrir um pouco sobre como as colegas haviam vivenciado suas infâncias, ia contribuindo não apenas para construir um maior vínculo entre os pares naquele contexto formativo, como também as levavam a refletir sobre o lugar das brincadeiras na Educação Infantil.

Desse modo, nosso objetivo naquele encontro seria compreender as características do cotidiano e da rotina na Educação Infantil, distinguindo os tempos e temporalidades da criança e da instituição.

Para subsidiar nossas discussões, nos utilizamos das pesquisas de Carvalho (2015), o qual analisou o cotidiano de 12 crianças de 04 anos em uma escola pública de Educação Infantil. Para este autor: “**existe um tempo institucional** predeterminado, cheio de regras, fixo; e **um tempo subjetivo das crianças**, o qual não funciona conforme a marcação dos relógios que define os horários de iniciar e de terminar as atividades propostas” (Grifos nossos).

Importa-nos destacar na pesquisa de Carvalho (2015) um importante diálogo sobre como as crianças significavam a rotina de forma que, numa roda de conversa, elas diziam:

Martina: A gente precisa de tempo para brincar, cantar e dançar.

Caetano: É mesmo!

Francisco: As atividades das folhinhas são muito chatas.

Gabriel: Não conseguimos nem pegar os brinquedos de tanta coisa que tem para fazer.

Martina: Eu posso pedir uma coisa?

Pesquisador: Claro!

Martina: Você pode mostrar as fotos para a professora e pedir para ela nos dar tempo para brincar e parar de fazer tantas atividades?

Joaquim: Dizer que estamos muito cansados com as folhinhas.

Caetano: Isso mesmo.

Frederico: Como você é grandão ela vai ouvir. Os pequenos ela não ouve.

Pesquisador: Vou atender o pedido de vocês e conversar com a professora. (Carvalho, 2015, p. 135).

Cabe salientar que este se trata de um diálogo maior e que para fins de discussão realizamos um recorte com as professoras, tendo grande repercussão entre elas o pedido de Martina de solicitar ao pesquisador que conversasse com a professora das crianças com o intuito de ampliar seus tempos de brincadeiras, reduzindo o tempo das atividades dirigidas, chamadas por eles de folhinhas.

Ressalta-nos ainda o argumento para tal pedido, quando Frederico afirma que como o pesquisador se tratava de uma pessoa “grande”, a professora então poderia ouvi-lo, uma vez que “os pequenos ela não ouve”. Tal afirmativa trouxe ao grupo de docentes no contexto formativo uma importante provocação: Temos ouvido nossas crianças, suas vozes e seus interesses, no processo de construção de nossas rotinas pedagógicas? Interessante rememorar nesse estudo o quão reflexivo se tornou este momento, o que nos permitiu relacionar com o protagonismo das crianças no que tange ao currículo na Educação Infantil, uma vez que é na escuta, no diálogo e na consideração dos interesses destas que tal protagonismo se materializa.

Para Barbosa (2000, p. 94) “raramente **uma sugestão de rotina** é acompanhada de uma possível explicação **sobre os objetivos da sua organização**” (grifos nossos). De modo que as crianças são levadas ao cumprimento de uma rotina que nem sempre faz sentido para elas. Desconsiderar a compreensão das crianças e o diálogo sobre os objetivos e a importância da rotina com as crianças pequenas, em nossa perspectiva, contribui para que elas se identifiquem e vivenciem a rotina de maneira mais significativa e prazerosa.

Nesta perspectiva, refletimos sobre o tempo na Educação Infantil e na diferença conceitual entre os termos rotina e cotidiano.

Para Barbosa (2000, p. 95, grifos nossos), as rotinas:

podem ser vistas como **produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia-a-dia**, tendo como objetivo a organização da cotidianidade [...] **Fazem parte das rotinas certas ações** que, com o decorrer do tempo, **tomam-se automatizadas** na vida dos sujeitos, criando **modos de organizar a vida**.

Já o cotidiano, embora contenha “uma rotina, mas não se limita a ela” (Barbosa, 2000, p. 96), se apresenta como uma categoria mais abrangente, pois é nele que acontece as atividades rotineiras e triviais.

Ao remeter essa questão para a dimensão educativa, nos alinhamos com Barbosa (2000, p. 96, grifos nossos), quando esta afirma que as rotinas

devem ser vistas como **um dos elementos integrantes das práticas educativas e didáticas** que são previamente pensadas e planejadas com o objetivo de ordenar e operacionalizar o cotidiano da instituição e constituir a subjetividade de seus integrantes.

Além de toda a discussão teórica proposta até aqui, utilizamos também como proposta formativa assistir e depois vivenciar a brincadeira do Pano Encantado do Grupo Palavra Cantada

Imagem 1. Brincadeira “Pano Encantado”



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_S7OYCoWRA

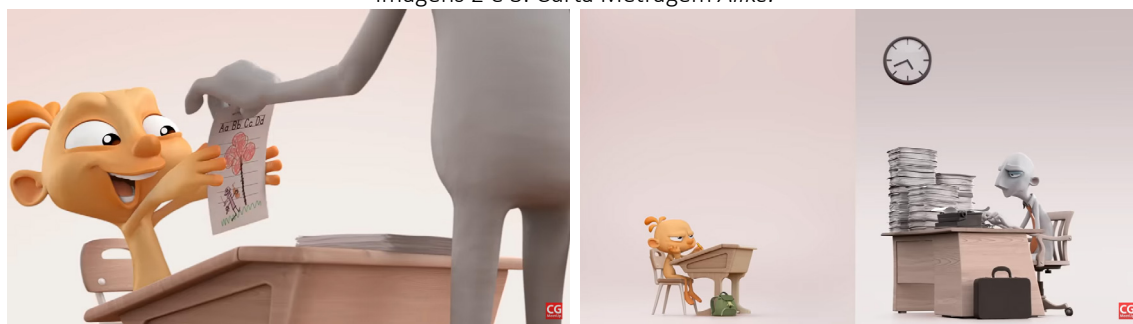
Nesta vivência exploramos, por meio da imaginação, as diversas possibilidades de representação de elementos com a utilização de um único pano. A vivência lúdica possibilitou um diálogo com as docentes sobre a utilização dos espaços de modo a explorar o ambiente por meio da brincadeira do faz de conta.

Outra vivência foi realizada com o curta metragem “*Alike*”². No vídeo vemos um pai e uma criança em seu cotidiano a caminho da escola e do trabalho. A rotina do pai é representada por um trabalho burocrático e repetitivo, já a criança indo à escola, onde a mesma precisa realizar atividades repetitivas e cansativas. A criatividade e a alegria são expressos no vídeo por meio das cores, e a monotonia e o tédio, pela ausência das cores,

² Retomamos aqui o curta metragem *Alike*, uma vez que esse vídeo nos serviu como estratégia formativa nos dois grupos de professores/as das creches e pré-escolas. Consideramos importante olhar novamente para este recurso, dessa vez trazendo o enfoque dado junto aos professores e professoras da etapa da pré-escola.

ficando os elementos de cena em tons de cinza. No caminho à escola, a criança se encanta com vários elementos que vão nutrindo suas cores e contagiando o pai, que também fica colorido. Com o passar do tempo, o peso na mochila da criança e as atividades repetitivas e sem espaço para a criatividade vão minando a alegria e a criatividade da criança, ao passo que a mesma vai perdendo sua cor. Ao perceber que seu filho já não possui mais a alegria (cores) de antes, o pai decide brincar de faz de conta com a criança e incentivar seu imaginário e criatividade ao passo que as cores vão retornando.

Imagens 2 e 3. Curta Metragem *Alike*.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_S7OYCoWRA

Refletindo sobre o curta metragem com as professoras da Educação Infantil, utilizamos este audiovisual como mote para retomar toda a discussão deste encontro, de modo a provocar-nos a pensar como nossas rotinas têm promovido a expressividade e criatividade das crianças e em que medida realizar atividades de escritas repetitivas e sem sentido, contribuem para tolher a criatividade e prejudicam o seu desenvolvimento.

Considerações finais

Ao longo desse estudo, vimos ser preciso considerar o cuidar e o educar na EI como indissociáveis e presentes em todos os momentos das rotinas com crianças pequenas e bem pequenas. Assim, torna-se necessário repensarmos o cotidiano e a rotina, percebendo-os enquanto categorias diferentes e que requerem aberturas a possibilidades de mudanças.

Para a construção de rotinas mais significativas, ressaltamos a necessidade de conhecermos as crianças, em suas características individuais e contextos sociais, ouvindo-as e as trazendo para esse movimento de construção das vivências, de modo que estas se tornem mais significativas às crianças.

Rodas de conversas, de leituras, brincadeiras (livres ou direcionadas), atividades dirigidas, vivências, alimentação, higienização, momento de relaxamento e conversa sobre as vivências do dia, são, portanto, distintos momentos que podem compor as rotinas da

Educação Infantil junto às crianças, sendo seus tempos e espaços pensados em conformidade com os tempos e espaços e com a concepção pedagógica de cada instituição.

Ressaltamos que ao (re)criar as rotinas na Educação Infantil fica evidenciada a necessidade de considerarmos as concepções e intencionalidades pedagógicas que permeiam todo o fazer educativo.

Por fim, destacamos a contribuição da formação continuada como espaço para promoção da reflexão sobre as práticas educativas vivenciadas no campo da Educação Infantil. Desse modo, fica evidenciada a importância do **Projeto de Extensão: Saberes e Práticas da/na Educação Infantil** como um lugar formativo de ricas trocas de experiências, assim como um espaço qualificado para repensar e potencializar as práticas vivenciadas na rede municipal de João Pessoa, na direção da construção de uma Educação Infantil de qualidade para todas as nossas crianças.

Referências

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força** – Rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre. Artmed. 2006.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil. In: CRAIDY, Maria; KAERCHER, Gladis Elise. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: ArtMed, 2001. p. 67-79.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Fragmentos sobre a rotinização da infância. **Educação e Realidade**, n. 25, jan-junho, 2000, p. 93-113.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: http://www.uac.ufscar.br/documentos-1/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 15 nov. 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da Educação. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream-/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 05 jun. 2025.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998. v. 1.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Entre as culturas da infância e a rotina escolar: em busca do sentido do tempo na Educação Infantil. **Revista Teias**, v. 16, n. 41, p. 124-141, 2015.

SILVA. Thais Thalyta da. Reflexões sobre a rotina da Educação Infantil. In: SILVA. Thais Thalyta da; BRITO, Rayssa Maria Anselmo de; LIMA, Renata da Costa. **Diálogos da Educação Infantil: entre relatos, reflexões e experiências**. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. p. 43-59.